



Povo de Santo e Asê

DEZEMBRO, MAIO

HORÓSCOPO DE

ORISÁS REGENTES

2019

POR PAI JOMAR D'OGÚN



Entrega do Oyê de
Bábálórísá à Omo Orisá
Pedro d'Oxossi



Entrega do Oyê de
Bábálórísá à Omo Orisá
Miguel d'Ogun



casa de **OGUN** **Nº1**

EM COMÉRCIO DE PRODUTOS DE
**CANDOMBLÉ,
UMBANDA E
ESOTÉRICOS**

www.casadeogunlojaonline.com

ALAMEDA GUERRA JUNQUEIRO, 34 | LARANJEIRO | 2810-072 ALMADA
TEL: 21 259 54 08 | TM: 96 634 00 55 | casadeogun@gmail.com
PERTO DO BANCO MILLENNIUM, BANIF E ESTAÇÃO DE METRO S. GEDEÃO



EDITORIAL

Há coisas e situações, que mesmo quem é “cego”, vê!

E se não vê, é porque não quer!

São várias as vozes que nos chegam e na realidade também constatamos, que na família do Candomblé, e não me refiro só ao Brasil, mas neste caso em Portugal, que há cada vez mais Pais / Mães de Santo que não olham aos meios para atingirem determinados fins! Não é possível continuar a “fábrica” de novos Babalorisás / Yalorisás, que na sua essência, no fundamento nada possuem! Para onde querem levar o nosso Candomblé?!!!

Espero que ainda tenhamos tempo de travar este vazio, que se constrói cada vez mais, sem qualquer tipo de vergonha!

Nós vamos continuar, assim Olorun nos ajude!

O Director
Dr. José Pinto



FICHA TÉCNICA: Povo de Santo e Asè

Propriedade de: Lendas & Cultos

Morada: Rua Qta. das Padeiras - Viv. S. Jorge, nº 10

2815-795 Sobreda da Caparica - Almada

NIF: 508 573 025

Nº Registo na E.R.C: 125412

Depósito Legal: 280080108

Director: J. Pinto, (Ogun)

Director Adjunto: P. Fialho, (Yemanjá)

Sede de Redacção:

Rua Qta. das Padeiras - Viv. S. Jorge, nº 10

2815-795 Sobreda da Caparica - Almada

Periodicidade: Semestral

Coordenador Gráfico: Rui Toscano, (Logun Odé)

Redacção: Miguel Dinis, (Ogun)

Comercial: Licinia Marques, (Osun) 96 221 17 62

Representante legal na Bahia - Brasil:

Aristides de Oliveira Mascarenhas (Osala Osaguian)

Tel: 21 294 06 84 **Fax:** 21 295 17 43 **TM:** 96 275 40 40

E mail: povosantoease@gmail.com



Notas:

1. Toda a imagem e conteúdos dos anúncios publicados nesta revista, são da exclusiva responsabilidade dos respectivos anunciantes;
2. A redacção desta revista está elaborada segundo o novo acordo ortográfico.

SUMÁRIO

Documentário Informativo

4

Caboclos

5

Notícia FENACAB

7

Ogan no Candomblé Ketu

8

Samambaia do mato

11

Orisás Regentes 2019

13

Saída de Yao

16

Espiritualidade Ecuménica

18

Viva Alégre Coma Saudável / Invocação / Ebó

22

Onilé

21

Página dedicada à Umbanda

25

Previsões Astrológicas

28

Odù Enje

31

Polição do ar é perigo fatal para as crianças

34

A cozinha no Candomblé

36

Confirmação de Ogãs

37

Candomblé de Caboclo

40

Odù Enje

42

Simpatias para o Ano Novo

45

O Significado da Palavra Asè

47

Velas e Cores

48



ATARÉ

O Ataré também conhecido como Pimenta da Costa, Grãos do Paraíso e cujo nome científico é *Aframomum melegueta* roscoe K. Schum pertence à família Zingiberacea, a mesma do gengibre. Encontrada na região costeira da África, é uma erva perene com porte de uma “mini palmeira” podendo atingir cerca de 1,0 a 1,5m de altura; os seus frutos quando secos apresentam uma casca de coloração marrom, as sementes de ataré são encontradas dentro do fruto envolvidas por uma película bem fina. O seu cultivo dá-se essencialmente pela sua valiosa semente, que possui uma índice de picante não muito acentuada (tipo o amargo da mostarda), que lhe valeu o nome de “grão do paraíso”, indicando o seu alto valor como especiaria e na medicina. A semente é usada extensivamente em etno medicina para uma variedade de doenças, possuem activos para diversas actividades biológicas, especialmente contra inflamações e doenças infecciosas.

Além de propriedades medicinais o Ataré é utilizado em rituais de Candomblé. O seu uso acontece em cerimônias que fazem alusão ao Orísá Exú mas não só. Este é utilizado com o significado de limpar o hálito e retirar todas as más

intensões que as palavras podem conter. Outra cultura que utiliza o Ataré é a Cultura Iorubá, que o usa como forma de dote, onde o noivo oferta ataré à família da noiva e este significa fecundidade.

Os Grãos do Paraíso ou ataré tem sido a planta nativa favorita para os curandeiros africanos, que usam as suas sementes para tratar doenças de tosse, dor de dentes e para sarampo. As suas sementes são utilizadas na África Ocidental como um remédio para uma variedade de doenças como dor de estômago, diarreia e até mesmo picada de cobra. As sementes do ataré contêm gingeróis e compostos relacionados que podem ser úteis contra as doenças cardiovasculares, diabetes, e inflamações.

O ataré ou pimenta da Costa, é um elemento bastante utilizado em inúmeros rituais do candomblé. O seu simbolismo provém da força que produz ao ser mastigada, e também pelo facto de conceder força à palavra da pessoa que a mastiga, aumentando o dom de profetização, tanto para coisas positivas quanto para negativas, assim como protege o corpo físico e espiritual da pessoa que a oferece.



CABOCLOS



Entidades de trabalho, exercendo as suas funções por ordem dos Òrisàs, estas são entidades de grande elevação espiritual. Simbolizam a vontade e capacidade de trabalhar, uma vez que Caboclo não tem descanso. Seja incorporado nos seus médios a dar consultas, ou agindo como guias, passando informações sagradas sobre as folhas e ervas e de tudo o que vem da terra. Ensinam, educam, encaminham e mimam. É nos Òrisàs que vão beber a sua força e forma de trabalhar. Comunicam e falam de forma rústica e terra-a-terra, devido à sua forma essencial de existir. Os Caboclos, assumem as características do local onde nasceram e viveram enquanto humanos.

Falar de Caboclos é uma tarefa bastante agradável, ainda que extensa e difícil, pois existem tantos que seria uma grande leviandade, declararmos conhece-los todos. Inicialmente é importante ter noção uma diferenciação fundamental que se faz entre eles: os Caboclos de Penas e os



Caboclos de Couro. Os Caboclos de Pena são todos aqueles que se apresentam pela representação da imagem do Índio. Já os Caboclos de Couro são os Boiadeiros.

Os Caboclos, embora associado a Oxossi, Orixá da caça, Orixá louvado como rei das Matas, estão sempre ligados a um determinado Orixá e mantêm suas características, de alguma forma ligada a esse Orixá. Por isso, podemos ter Caboclos de Oxossi, de Ogum, de Xangô, de Yemanjá, de Oxum, etc.

Os Caboclos de couro, Boiadeiros apresentam-se com as características do Sertão aquele que está mais ligado à terra. Em algumas partes do país os Boiadeiros também são conhecidos como “Encantados”. São entidades que não teriam morrido para se espiritualizarem, teriam sido encantados e transformados em entidades especiais. Em outros locais são cultuados como “Baianos”, mantendo quase a mesma característica de trabalho.



Os Caboclos de Pena são exímios na arte de curar e na limpeza espiritual, são profundos conhecedores das ervas medicinais e de suas propriedades espirituais, assim como suas propriedades terapêuticas para o tratamento de muitos males. São ótimos a conceder passes energéticos, quando os seus médiuns se preparam para este tipo de trabalho.

As características dos Caboclos de Couro são bastante diferentes, mas que não modificam as suas intenções na prática do bem. Os Boiadeiros também apresentam diversidade nas suas manifestações.

São, porém, grandes trabalhadores e defendem todos os fieis das influências negativas com muita garra e força espiritual. Possuem enorme poder espiritual e grande autoridade sobre os espíritos menos evoluídos, sendo tais espíritos subjugados por eles com muita facilidade.

Assim se manifestam os Caboclos, onde quer que sejam chamados. Em algumas casas de Umbanda, os Caboclos de Couro são mais reverenciados e chegam a chefiar terreiros. Noutras, com a influência maior do Caboclo das Sete Encruzilhadas, os Caboclos de Pena são os Chefes de Terreiro. O trabalho destas entidades vai variar de acordo com a doutrina de cada terreiro. Em alguns, eles são festeiros, bebem e fumam. Outros não lhes permitem fumar ou beber e se mesmo assim, humildemente, aceitam as condições da Casa é por que é maior o desejo de ajudar o Homens.

Isso não diminui nem os seus trabalhos nem a capacidade da casa, muito menos deprecia tal doutrina. No entanto é muito importante que os respeitemos da maneira que se apresentem, sempre orientando os médiuns a trabalharem de acordo com os desígnios de cada casa.



OLORUM ELEDA

FENACAB - COORDENAÇÃO / DELEGAÇÃO
INTERNACIONAL - PORTUGAL
(FEDERAÇÃO NACIONAL DO CULTO AFRO - BRASILEIRO)



COORDENAÇÃO INTERNACIONAL FENACAB - PORTUGAL

A FENACAB informa todos os seus associados que o Terreiro de Candomblé Ketu anteriormente conhecido pelo nome religioso Ilé Asè Omin Ògún alterou a sua designação para Ilé Asè Opo Alaketu Omin Ògún.

Toda a estrutura religiosa e civil se manteve sem alteração, tendo como Agabá Babalorisá Jomar d'Ògún e como Otun Orisá Babalorisá Paulo d'Yemonjá.

Também a entidade gráfica foi alvo de alteração, sendo o novo logótipo que identifica a Casa em qualquer lugar o que se publica ao lado.

Olorun Modupé!



Babalórisá

Pai de Santo de Candomblé Ketú

Jomar d'Ògún

Primeiro Coordenador internacional da FENACAB

Balogùn do Candomblé Ketu

Agabá do Ilé Asè Opo Alaketu Omin Ògún, um dos mais antigos e conceituados Terreiros de Candomblé em Portugal

Consultas de Buzios

Atendimento com toda a seriedade, honestidade e sigilo.

Saiba qual o seu Orisá e conheça melhor o porquê de tantas coisas na sua vida!

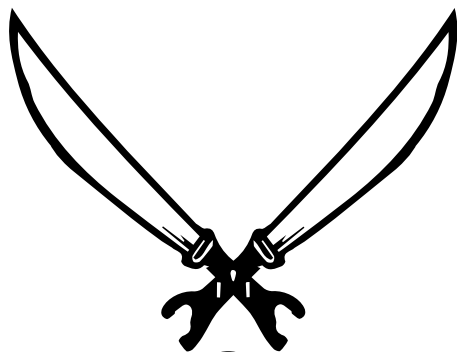


96 275 40 40

93 213 11 76

pai.jomar@hotmail.com

www.facebook.com/pai.jomar



OGAN

NO CANDOMBLÉ KETU



Ogá (Ogan) é escolhido pelo Orixá do zelador de uma Casa de Candomblé para diversas funções dentro do Àse, primeiramente é suspenso, para depois ser confirmado. Ogá não incorpora, não entra em transe, ele é escolhido justamente por estar sempre lúcido e cumprir diversas funções que são importantíssimas dentro de toda liturgia.

O Ogá, não é apenas um tocador de atabaque (ilús), a função do Ogá em uma casa de Àse abrange muito mais que somente as cantigas nos terreiros. Os Ôgás promovem a segurança da Casa, contribuindo com o zelo dos Ôrisàs, eles também zelam pelo Ilé Àse. O Ogá, ao chegar à Casa de Candomblé, após se purificar com o banho de agbò, se vestirem adequadamente e, saudar seu Àse, seu zelador e todos da Casa, buscar realizar suas funções e se colocar à disposição.

Mas afinal, quais são essas funções? Além do cuidado com os atabaques (manutenção/afinação/osé) os agògòs, àtòris, também é papel do Ogá contribuir para que tudo caminhe bem no Terreiro, pois o Ogá busca defender sua comunidade, o seu Àse de forma eficaz, fazendo de tudo para que o mesmo seja preservado, é sua responsabilidade, preservar



as edificações de sua Casa, estando sempre atento para qualquer e eventual dano, como, por exemplo, a necessidade da troca de uma telha, ou um degrau danificado em uma escada, etc.

O Ogá se dedica em diversos âmbitos do Candomblé, como aprender os toques e ritmos, as cantigas, os animais, as folhas, adúràs e sàsányin, copar, etc.

Ogán com o tempo pode se tornar um conhecedor de folhas (Êwé), que aprenderam desde como colher e cantar as folhas específicas de cada Òrisàs.

Cabe ao Ogá o cuidado especial e indispensável com os animais que serão ofertados aos Òrisàs, de modo que a oferta seja aceita de forma plena dentro dos rituais sagrados. É primário Ogá saber como entregar, levar e até passar um ebó conforme a necessidade específica de cada situação, sempre em sintonia com seu zelador. Todo esse conhecimento demora anos, cabendo ao Ogá estar sempre atento às palavras, conselhos, doutrinas e ensinamentos do seu zelador.

O Ogá ocupa um papel importante também durante o Candomblé, são eles que com sua forma de tocar e cantar contagiante contribuem para invocar os Òrisàs a terra.

Os Ògás confirmados servem de exemplo para os Ògás apontados ou suspensos, com postura, moral ilibada, jamais ingerir bebida alcoólica e se impor coercitivamente para o bom andamento da Casa.

A união entre os Ògás ajudam a formar a base de uma Casa de Candomblé, eles formam uma família em que todos se entendem se confraternizam, sem qualquer tipo de disputa, briga ou ego.

Ogá toca e canta para os Òrisàs e não para as pessoas que estão na festa e sempre consulta o seu zelador, para saber como será o andamento da festividade, para qual Òrisà poderá prolongar-se um pouco mais nos cânticos, ou não. O Ogá procura permanecer o maior tempo possível no salão, evitando sair, principalmente quando o Òrisà está no baracão. Ele está sempre atento aos visitantes que chegam, comunicando ao zelador, muitas vezes, os recepcionando. Ogá respeita in-



condicionalmente os Òrìsàs, ele sabe a hora que deve parar de cantar, também procura aprender os cânticos do seu Àsè, da sua raiz, evitando cantar algo que somente ele conhece, afinal, para ele o importante é ver o Òrìsà feliz com o conjunto e não com o solo. Hoje é fundamental que os Ògás procurem se unir e comungar com o Òrìsà, que respeite os seus mais velhos e a liderança do seu Terreiro. Ogá pode ganhar seu Oyè com o decorrer do tempo e merecimento, conquistando o respeito de todos e que carinhosamente pode ser também chamado de Pai Ogá. Os principais Oyès são: Asògún (homens de Ògún), Alabe, Pèjigán e Ònilú.

Lenda:

Num tempo muito distante, o orun (céu) era lugar de grandes festas. Os orixás (protetores de cabeças) lá se reuniam para celebrar a vida. Exu era o grande animador daquelas festas porque era ele quem tocava os tambores e que entoava as mais belas e alegres cantigas. E ele ficava todo prosa por exercer tal função. Certo dia, entendendo que estava difícil conversar ao mesmo tempo em que o som dos tambores ecoavam, os orixás pediram para Exu que parasse com aquela canto-

ria e toques. E assim se deu: Exu deixou de tocar e cantar nas festas.

Sem muita demora, os orixás perceberam que festa sem tambores e sem cantoria, não era festa. Eles se reuniram novamente e decidiram pedir para que Exu voltasse com toda a animação. Mas ele não aceitou: estava profundamente magoado com o pedido do grupo, uma vez que ele desempenhava tais atividades com tanto fervor e o impediram de continuar. Os orixás insistiram bastante até que Exu disse: “Perdi totalmente a vontade de cantar e tocar para vocês, mas vou passar a tarefa para a primeira pessoa que se colocar na minha frente”.

E assim aconteceu. Ogán, um jovem rapaz caminhou na direção de Exu. Exu olhou para ele e o escolheu para inicia-lo na arte dos cânticos e toques em louvor aos orixás. Ogan, prontamente aceitou o convite de Exu, era rapaz esforçado e que queria aprender. Tão bem Exu o ensinou Ogán e Ogán tão bem aprendeu a animar as festas dos orixás que em sua homenagem, Exu estabeleceu que todo o homem responsável por animar as festas dos orixás deveria receber o cargo de Ogan.

Fonte: Internet. Texto original em Português do Brasil



SAMAMBAIA DO MATO

Nome científico: *phlebodium decumanum*

Nomes populares: samambaia-do-amazonas, samambaia-de-mato-grosso, rabo-de-caxinguelê, erva-de-macaco, cipó-cabeludo, guaririnha.

Origem: regiões tropicais

Samambaia é a denominação comum a diversas plantas verdes e sem flores. Em geral, são facilmente identificadas pelas suas folhas, conhecidas como frondes, que têm formato de penas. As samambaias reproduzem-se por meio de esporos, não de sementes.

Existem cerca de 12 mil espécies diferentes de samambaias no mundo. Algumas delas surgiram há mais de 360 milhões de anos. As samambaias costumam crescer nas florestas tropicais húmidas, mas também se desenvolvem noutros lugares quentes e úmidos onde haja bastante sombra. Poucas espécies de samambaias são encontradas em locais secos e frios.

Muitas samambaias crescem em troncos e galhos de árvores. Outras desenvolvem-se em terrenos pantanosos ou boiam nas lagoas. Alguns tipos conhecidos como samambaia-de-metro espalham-se como ervas daninhas por campos e pastos.

Samambaia do mato

As samambaias menores têm apenas poucos centímetros de altura. As maiores chegam a medir entre 10 e 25 metros de altura. As folhas novas nascem enroladas. Conforme crescem e se desenrolam, lembram a parte espiralada que fica no fim do braço do violino.

Milhões de células chamadas esporos crescem no lado inferior das folhas das samambaias, que depois se dispersam pelo ar. Algumas delas caem sobre solos e superfícies húmidas e reproduzindo-se, tornando-se estruturas minúsculas, com formato de feijão. Essas estruturas produzem células masculinas e femininas, que, juntas, geram uma nova samambaia. As pessoas geralmente usam samambaias na decoração de jardins e casas. Alguns animais, como os cervos, comem samambaias, e algumas aves usam-nas para forrar seus ninhos.

Utilização: ornamental e medicinal. A samambaia é utilizada na medicina popular indígena peruana e outras tribos para o tratamento de algumas doenças como a febre e problemas respiratórios, no entanto apenas foi comprovado clinicamente o efeito dessa planta no tratamento de psoríase.

Uso na cultura religiosa afro-brasileira: banhos, amacis, obrigações de cabeça lavagem de contas, sacudimentos, bate-folhas. Favorece o desenvolvimento mediúnico.

Curiosidades: o nome samambaia vem da língua tupi que significa ham ã'bae "o que torce em espiral" ou samambaia "corda de pesos, de brincos, de pingentes".



Carla Santos
Mestre de Reiki

Marcação de Tratamentos
919 407 003 • carla.santos2@sapo.pt
www.facebook.com/Reiki.SPA.Alma/



ORISÁS REGENTES 2019

POR PAI JOMAR D'ÒGÚN



Em consequência das escolhas e opções feitas por cada um de nós, de cada comunidade, de cada organização, de cada país e neles, de cada “potencia” mundial, chegamos a uma encruzilhada da nossa vida, com caminhos e caminhas bem difíceis...

O ano de 2019 que se avizinha, é carregado de contradições e anseios, que em algumas si-

tuações, são um verdadeiro “barril de pólvora” pronto a explodir.

Basta pensar nos interesses meramente comerciais, sem que o benefício humano esteja na primeira linha, como sejam os que dizem respeito aos EUA e à China; sendo que quer queiramos quer não, têm repercussões mundiais; pensem ainda nos interesses bélicos e manipulação poli-

tica por parte da Rússia em relação aos seus vizinhos, estendendo-se ao médio oriente... para não falarmos ainda na miséria que grassa em países Africanos e Sul-Americanos em contraponto com os outros seus iguais, onde a desigualdade apenas tem ponto comum na miséria, na fome e na falta de dignidade.

Um pouco por todo o lado, vemos caminho tortuosos, que é necessário tacto, persistência e vontade de ferro para mudar. Nas nossas comunidades vemos muitas vezes, mais o “parecer” do que “o ser”. Sejam eles de cariz social e mesmo de cariz religioso; não esquecendo as nossas casas, as nossas famílias, os nossos bairros e país.



Antes que a proliferação da guerra seja uma realidade, devemos fazer “guerra à guerra”! Seremos autênticos desbravadores, audazes e tenazes.

Para tanto trabalho e algum azedume, precisamos sem dúvida de uma energia também afável que harmonize as nossas relações interpessoais e interreligiosas.

É neste equilíbrio do muito que há para fazer, mas também do muito que há para amar, ser autêntico e leve, que no ano que se avizinha de 2019 teremos como Orisá que o rege nosso Pai Ògún; que com a beleza e sensibilidade das senhoras das águas, Osun e Yemonjá, nos vêm refrescar e revigorar o nosso querer!

Ogunhé!

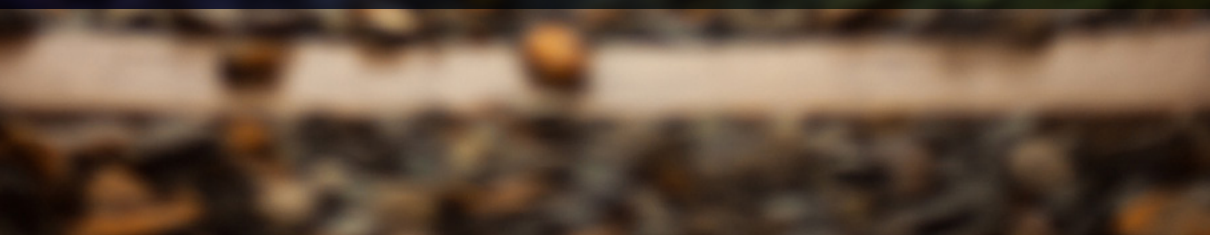
Babalorisá Jomar de Ògún



“

**SERMOS AUTÊNTICOS
DESBRAVADORES, AUDAZES
E TENAZES.**

”



SAÍDA DE YAO



Pai Omulu abençoou o Ilé Asè Opô Alaketu Omin Ògún e toda a sua comunidade no passado dia 28 de Julho com a saída de um dos seus filhos, Ady Feijó Ribas que comprovando o amor e dedicação ao seu Orisá e à casa que o acolheu, se tornou Yaô de Candomblé Ketu. Foi uma festa carregada de asé, alegria e energia muito positiva, como só Omulu nos pode presentear.

Como Babalorisá do novo Yaô e Agabá do Ilé, agradeço ao novo Yaô a confiança em mim depositada, bem como ao Otun Orisá e Babakekeré do Ilé, Babalorisá Paulo d'Yemonjá. Agradeço também a todos os Omo Orisá pelo empenho e amor ao Santo.

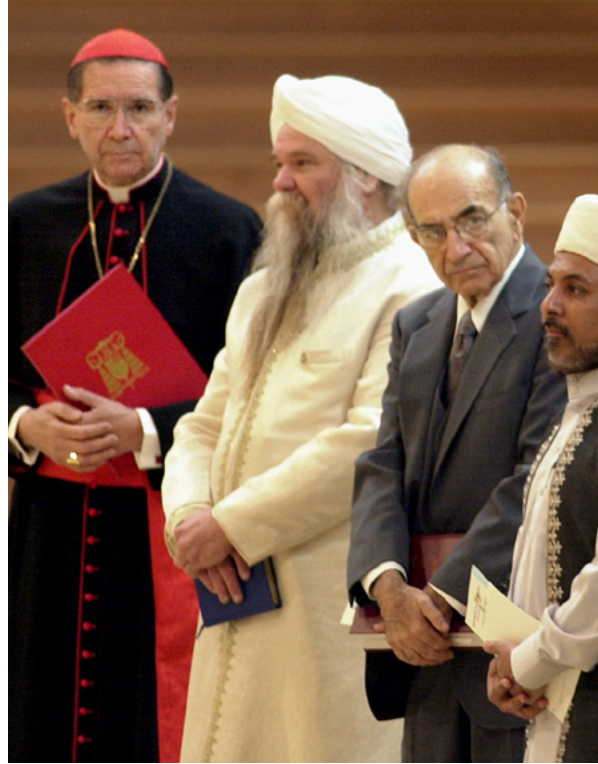
Olorun Modupé.

Babalorisa Jomar



Saída de Yao





DIÁLOGO INTER- RELIGIOSO

1. O QUE É

É o processo de entendimento mútuo entre diferentes tradições religiosas;

É uma comunicação e um compartilhar de vida, visão e reflexão por fiéis de religiões diferentes na busca de descobrir, juntos, o trabalho do espírito entre eles;

É estar disposto a apresentar questões e ser questionado;

É um relacionamento entre fiéis que estão comprometidos com a sua própria fé e enraizados nela, mas abertos ao outro fiel e ao Espírito no contexto da origem e fins comuns;

É estar pronto a clarificar e a modificar pontos de vista pessoais, deixando-se guiar pelo amor autêntico à verdade;

É para todos: leigos, teólogos e monges;

É o diálogo mantido com todos os que admitem Deus e que guardam, em suas tradições, preciosos elementos religiosos e humanos.

2. DISPOSIÇÕES

Compreensão mútua: dissipa preconceitos e promove conhecimento e apreciação comuns;

Enriquecimento mútuo: busca integrar nas pessoas os valores e as experiências características de outros fiéis;

Comprometimento comum: testemunho e promoção de valores humanos e espirituais como paz, respeito à vida humana, dignidade humana, igualdade, justiça, liberdade religiosa, através da oração, da ação conjunta, da experiência religiosa compartilhada...

3. FORMAS

Diálogo da Vida: espírito de abertura e de boa vizinhança; partilha de vida: alegrias e tristezas; problemas e soluções; conquistas e preocupações;



Diálogo das obras: colaboração em vista do desenvolvimento integral e da libertação das pessoas.

Diálogo dos intercâmbios teológicos: trata-se do estudo de peritos para um aprofundamento da compreensão das suas respectivas heranças religiosas, em vista da apreciação dos valores espirituais uns dos outros.

Diálogo da experiência religiosa: partilha de riquezas espirituais das diferentes tradições religiosas, no que se refere à oração, à contemplação, à fé e aos caminhos de busca de Deus e do Absoluto.

4. EXIGÊNCIAS

Equilíbrio: não ser ingênuos nem críticos demais, mas abertos e acolhedores. O diálogo requer vontade de se empenhar em conjunto, a serviço da verdade e prontidão em se deixar transformar pelo encontro;

Convicção religiosa: a sinceridade do diálogo inter-religioso exige que se entre nele com a integridade da própria fé, considerando as convicções e os valores dos outros abertamente.

Abertura à verdade: mantendo intata a sua identidade, se dispor a aprender e a receber dos outros e por intermédio deles os valores positivos das suas tradições. Abertura para vencer antigos preconceitos e rever idéias preconcebidas, purificando sua própria fé.

Mediante o diálogo, os cristãos e membros de outros credos são convidados a aprofundar o seu empenho religioso e a responder, com crescente sinceridade, ao apelo pessoal de Deus e ao dom gratuito que ele faz de si mesmo, dom que sempre passa através da mediação de Jesus Cristo e da obra do seu Espírito, conforme proclama a fé cristã.

O diálogo inter-religioso permitiu à Igreja compartilhar com outros os valores evangélicos. É por isso que, apesar das dificuldades, o empenho da Igreja no diálogo se mantém firme e irreversível. O diálogo não seria fecundo, se não incluísse também um verdadeiro respeito por toda pessoa para que possa aderir livremente à sua própria religião.

A Igreja reconhece como parte essencial do anúncio da Palavra o encontro, o diálogo e a colaboração com todas as pessoas de boa vontade, particularmente com as pessoas pertencentes às diversas tradições religiosas da humanidade.



VIVA ALÉGRE, COMA SAUDÁVEL!



SALADA DE FEIJÃO E ABACATE

INGREDIENTES

400g de feijão preto
1 abacate
1 cebola roxa
1 molho de coentros
1 lima
1 malagueta vermelha
1 malagueta verde
2 tomates xuxa
1 bife de atum fresco
azeite | flor-de-sal q.b. | pimenta q.b.

PREPARAÇÃO

Para a salada:

Pique finamente a cebola e as malaguetas e coloque numa taça. Junte os tomates cortados em cubos.

Sugestão do Chef

se quiser reduzir a intensidade do picante, retire previamente as sementes das malaguetas.

Corte o abacate em cubos e junte ao preparado. Regue com uma quantidade generosa de azeite e o sumo de uma lima. Junte o feijão e envolva bem. Tempere com sal e adicione coentros picados. Deixe repousar.

Para o atum:

Aqueça bem uma chapa.

Passes um fio de azeite em ambos os lados do bife de atum e salpique com uma pitada de flor-de-sal. Grelhe o bife em lume alto, cerca de 30 segundos de cada lado.

Coloque a salada no centro do prato. Disponha o bife por cima e decore com pimenta preta moída e um fio de azeite.



EBÓ | OFERENDA

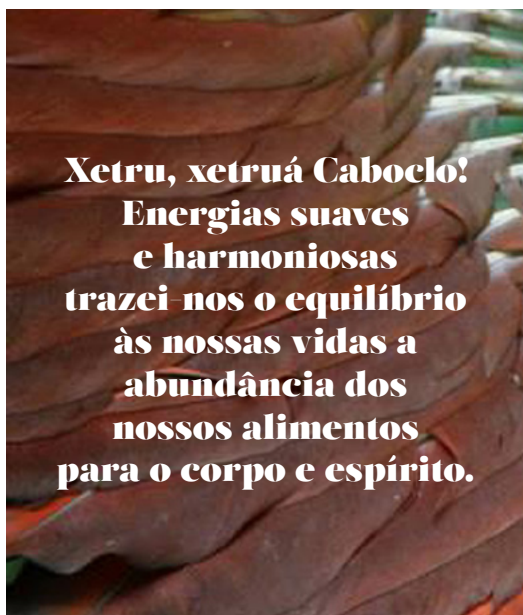
Num cesto de vime, coloque as mais variadas frutas...

Enfeite com folha e entregue no assentamento ou numa mata, junto a uma árvore em crescimento.

Agradeça aos Caboclos e faça os seus pedidos.



INVOCAÇÃO



Xetru, xetruá Caboclo!

**Energias suaves
e harmoniosas
trazem-nos o equilíbrio
às nossas vidas a
abundância dos
nossos alimentos
para o corpo e espírito.**



“Mojubá, orisá/ ibá, orisá/ ibá Onilé”, que pode ser traduzido como “Eu saúdo o orisá/ Saúdo Onilé/ Salve a Senhora da Terra”.

Assim conta o mito: Onilé era a filha mais recatada e discreta de Olodumare. Vivia trancada em casa do pai e quase ninguém a via. Quase nem se sabia de sua existência. Quando os Orisas seus irmãos se reuniam no palácio do grande pai para as grandes audiências em que Olodumare comunicava suas decisões, Onilé fazia um buraco no chão e se escondia,

pois sabia que as reuniões sempre terminavam em festa, com muita música e dança ao ritmo dos atabaques. Onilé não se sentia bem no meio dos outros.

Um dia o grande deus mandou os seus arautos avisarem: haveria uma grande reunião no palácio e os Orisas deviam comparecer ricamente vestidos, pois ele iria distribuir entre os filhos as riquezas do mundo e depois haveria muita comida, música e dança. Por todos os lugares os mensageiros gritaram esta ordem e todos se prepararam com esmero para o grande acontecimento. Quando chegou por



fim o grande dia, cada orisá dirigiu-se ao palácio na maior ostentação, cada um mais belamente vestido que o outro, pois este era o desejo de Olodumare. Yemonjá chegou vestida com a espuma do mar, os braços ornados de pulseiras de algas marinhas, a cabeça cingida por um diadema de corais e pérolas, o pescoço emoldurado por uma cascata de madreperla. Osòósi escolheu uma túnica de ramos macios, enfeitada de peles e plumas dos mais exóticos animais. Osonyin vestiu-se com um manto de folhas perfumadas. Ogum preferiu uma couraça de aço brilhante, enfeitada com tenras folhas de palmeira. Ósun escolheu

cobrir-se de ouro, trazendo nos cabelos as águas verdes dos rios.

As roupas de Osumarè mostravam todas as cores, trazendo nas mãos os pingos frescos da chuva. Oyá escolheu para vestir-se um sibilante vento e adornou os cabelos com raios que colheu da tempestade. Sòngo não fez por menos e cobriu-se com o trovão. Ódàálá trazia o corpo envolto em fibras alvíssimas de algodão e a testa ostentando uma nobre pena vermelha de papagaio. E assim por diante. Não houve quem não usasse toda a criatividade para apresentar-se ao grande pai com a roupa mais bonita. Nunca se vira antes tan-



ta ostentação, tanta beleza, tanto luxo. Cada orisá que chegava ao palácio de Olodumare provocava um clamor de admiração, que se ouvia por todas as terras existentes. Os Orisas encantaram o mundo com suas vestes. Menos Onilé. Onilé não se preocupou em vestir-se bem. Onilé não se interessou por nada. Onilé não se mostrou para ninguém. Onilé recolheu-se a uma funda cova que cavou no chão. Quando todos os Orisas haviam chegado, Olodumare mandou que fossem acomodados confortavelmente, sentados em esteiras dispostas ao redor do trono. Ele disse então à assembléia que todos eram bem-vindos. Que

todos os filhos haviam cumprido seu desejo e que estava tão bonito que ele não saberia escolher entre eles qual seria o mais vistoso e belo. Tinha todas as riquezas do mundo para dar a eles, mas nem sabia como começar a distribuição.

Então disse Olodumare que os próprios filhos, ao escolherem o que achavam o melhor da natureza, para com aquela riqueza se apresentar perante o pai, eles mesmos já tinham feito a divisão do mundo. Então Yemonjá ficava com o mar, Òsun com o ouro e os rios. A Osòósi com as matas e todos os seus bichos, reservando as folhas para Osonyin. Deu a Oyá o raio e a Sòngo o trovão. Fez Óòsàlà dono de tudo que é branco e puro, de tudo que é o princípio, deu-lhe a criação. Destinou a Osumarè o arco-íris e a chuva. A Ogum deu o ferro e tudo o que se faz com ele, inclusive a guerra. E assim por diante. Deu a cada orisá um pedaço do mundo, uma parte da natureza, um governo particular. Dividiu de acordo com o gosto de cada um. E disse que a partir de então cada um seria o dono e governador daquela parte da natureza. Assim, sempre que um humano tivesse alguma necessidade relacionada com uma daquelas partes da natureza, deveria pagar uma prenda ao orisá que a possuísse. Pagaria em oferendas de comida, bebida ou outra coisa que fosse da predileção do orisá. Os Orisas, que tudo ouviram em silêncio, começaram a gritar e a dançar de alegria, fazendo um grande alarido na corte. Olodumare pediu silêncio, ainda não havia terminado. Disse que faltava ainda a mais importante das atribuições. Que era preciso dar a um dos filhos o governo da Terra, o mundo no qual os humanos viviam e onde produziam as comidas, bebidas e tudo o mais que deveriam ofertar aos Orisas. Disse que dava a Terra a quem se vestia da própria Terra. Quem seria? Perguntavam-se todos? "Onilé", respondeu Olodumare. "Onilé?" todos se espantaram.

Como, se ela nem sequer viera à grande reunião? Nenhum dos presentes a vira até então. Nenhum sequer notara sua ausência. "Pois Onilé está entre nós", disse Olodumare e mandou que todos olhassem no fundo da cova, onde se abrigava vestida de terra, a discreta e recatada filha. Ali estava Onilé, em sua roupa de terra. Onilé, a que também foi chamada de Ilê, a casa, o planeta. Olodumare disse que cada um que habitava a Terra pa-

ONILÉ

gasse tributo a Onilé, pois ela era a mãe de todos, o abrigo, a casa. A humanidade não sobreviveria sem Onilé. Afinal, onde ficava cada uma das riquezas que Olodumare partilhara com filhos Orisas? “Tudo está na Terra”, disse Olodumare. “O mar e os rios, o ferro e o ouro, Os animais e as plantas, tudo”, continuou. “Até mesmo o ar e o vento, a chuva e o arco-íris, tudo existe porque a Terra existe, assim como as coisas criadas para controlar os homens e os outros seres vivos que habitam o planeta, como a vida, a saúde, a doença e mesmo a morte”. Pois então, que cada um pagasse tributo a Onilé, foi à sentença final de Olodumare. Onilé, orisá da Terra, receberia mais presentes que os outros, pois deveria ter oferendas dos vivos e dos mortos, pois na Terra também repousam os corpos dos que já não vivem. Onilé, também chamada Aiê, a Terra, deveria ser propiciada sempre, para que o mundo dos humanos nunca fosse destruído. Todos os presentes aplaudiram as palavras de Olodumare. Todos os Orisas aclamaram Onilé. Todos os humanos propiciaram a mãe Terra.

E então Olodumare retirou-se do mundo para sempre e deixou o governo de tudo por conta de seus filhos Orisas. E assim este mito, de modo didático e com muita beleza, situa o papel de Onilé no panteão dos deuses iorubás. Como é estrutural nos mitos, o tempo da narrativa não é histórico, dando a impressão que os cultos dos diferentes Orisas foram instituídos a um só tempo, num só ato do supremo deus. A narrativa enfatiza, contudo, a concepção básica da religião dos Orisas, isto é, que cada orisá é um aspecto da

natureza, uma dimensão particular do mundo em que vivemos. Eles são o próprio mundo, com suas forças, elementos, energias e propriedades, mundo que tem por base Onilé, a Terra, o planeta que habitamos o nosso lar no universo.

Na África iorubá, Onilé ocupa lugar central no culto da sociedade masculina secreta Ogboni. A escultura em bronze aqui mostrada, provavelmente do século XVIII, é originária dessa sociedade tem os olhos em semicírculos, que tudo observam em silêncio, e as mãos fechadas e alinhadas, uma sobre a outra, na altura do umbigo, num gesto que simboliza o conhecimento ancestral, conforme os símbolos Ogboni, sociedade que, até o século XIX, cuidava da justiça, julgava criminosos e feiticeiros e executava os condenados à morte.

Louvar Onilé é celebrar as origens. Por isso, quando aparecem junto aos humanos, os antepassados egungun saúdam Onilé, lembrando-nos que ela é anterior a tudo o mais, mesmo às linhagens mais antigas da humanidade.

fonte: Marcia de Yemanjá - Texto original em Português do Brasil





NASCIMENTO DA UMBANDA?



Em 15 de Novembro de 1908 manifestou-se na Federação Espírita de Niterói o espírito que anunciou a religião de Umbanda.

A Federação Espírita (onde ocorreu a primeira manifestação do Caboclo 7 encruzilhadas) na época era presidida por José de Souza, que questionou sobre as vestes clericais – em referência a integrantes da igreja católica – que o espírito do então Caboclo se vestia.

Respondendo com firmeza, declarou:

“O que você vê em mim são restos de uma existência anterior. Fui padre, meu nome era Gabriel Malagrida, e acusado de bruxaria fui sacrificado

na fogueira da inquisição por haver previsto o terremoto que destruiu Lisboa em 1755. Mas, em minha última existência física Deus concedeu-me o privilégio de nascer como um Caboclo brasileiro.” Caboclo das 7 Encruzilhadas Mas, o que poucos sabem é que Gabriel Malagrida também viveu no Brasil. Padre, missionário, pregador assíduo de seus dogmas, nasceu em Milão e peregrinou por entre suas missões no Brasil e Portugal. Em solo brasileiro, aprendeu dialetos indígenas, e viveu com diversas tribos. Acabou tendo contato com os principais xamãs e com os problemas que assolavam e muitas ve-



zes dizimavam algumas populações indígenas. Mesmo correndo risco de vida e enfrentando a resistência de alguns componentes das tribos, efetuou grandes trabalhos levando sempre a sua espiritualidade a quem necessitava. Fundou diversas instituições no norte do país até que em 1750 resolve partir para Lisboa em busca de subsídios para possibilitar e a continuidade dos trabalhos realizados. Em suas iniciativas, tinha como objetivo conceber autonomia espiritual, material e mental aos indígenas. Porém, suas ações não agradaram muito a alguns representantes políticos, e logo o padre

começou a ser perseguido.

Foi acusado de regicídio, exilado e por fim entregue a Inquisição. Gabriel Malagrida morreu em 21 de Setembro de 1761, condenado a fogueira em um auto-de-fé. Amanhã 15 de Novembro, completam-se 108 anos desde que o espírito manifestado como Caboclo da Sete Encruzilhadas trouxe consigo a mensagem que uma nova religião estava nascendo. Religião esta que seria composta pelas mais variadas formas de ser, sentir e se relacionar e que mais tarde agregaria o nome de Umbanda.

Consciente de sua missão, Caboclo das 7 En-



cruzilhadas indagou que a Umbanda seria a manifestação de todos os espíritos que tinham consigo uma grande sabedoria e ancestralidade, porém, não lhe eram permitido espaço dentro das religiões existentes. Visto que em outras crenças, o valorizado eram espíritos ditos como mais evoluídos pelo o que foram em terra.

“Por que não podem nos visitar humildes trabalhadores do espaço, se apesar de não haverem sido pessoas importantes na Terra, também trazem importantes mensagens do além?” Caboclo da Sete Encruzilhadas.

Para tal, o que realmente importava era o trabalho realizado, a caridade, o amor e o respeito ao sagrado. Tanto o caboclo brasileiro como padre católico carregam consigo esta mesma mensagem. O Brasil é um dos países mais miscigenados que existe e sendo assim, a Umbanda surge para possibilitar que essas pluralidades possam ser vividas, ouvidas e ensinadas em terra.

Texto Original em Português do Brasil



Babalórisá Paulo d'Yemonjá

Paí de Santo de Candomblé Ketú

Consultas de Buzios

**Veja como organizar a sua vida para
obter melhores resultados!**

Sigilo, honestidade e descrição

21 259 54 08



93 213 11 77



paulo.ketu@hotmail.com

www.facebook.com/babalorisapaulo.dyemonja



PREVISÕES PARA OS MESES DE DEZEMBRO, MAIO



CARNEIRO **2103 a 2004**

Neste primeiro semestre existe uma necessidade de abrir horizonte na cultura e nos conhecimentos. É um excelente período para fazermos uma viagem para

dentro de nós mesmos, compreendendo os sonhos e ideais que nos motivam. Para os arianos representa um período de expansão, com a possibilidade de viagens, de ingresso em cursos, estudos, e de contacto com novas pessoas e lugares distantes, o que estimula a ampliação da sua visão da vida



CARANGUEJO **2106 a 2007**

Os nativos de Caranguejo irão estar numa fase de grandes avanços profissionais, e de uma perspectiva renovada sobre saúde, qualidade de vida, e disposição para as atividades

quotidianas. É momento de investir em conhecimento, cultura, e em tempo para si. Momento oportuno para inserir no dia a dia uma visão mais abrangente das coisas, e encarar o trabalho e a saúde de forma holística.

LEÃO **2107 a 2008**



No início deste ano os leoninos conectam-se com a energia da alegria e da espontaneidade. O amor volta a ter um lugar especial que ocupa no seu coração. Sendo que esse amor deve ser antes de mais amor-próprio para que possa revelar toda

o seu esplendor numa relação. As atividades criativas e recreativas são importantes, pois, revelam a essência da sua criança interior que por muitas vezes tende esquecer.



TOURO **2104 a 2005**

Para os taurinos, neste semestre serão levantadas grandes questões filosóficas e espirituais. É tempo de renovar o significado do verbo viver, e de compreender a necessidade do desapego de superficialidades. Experiências transformadoras podem acontecer a partir de situações como viagens, estudos, contacto com pessoas de outras culturas.

GEMEOS **2105 a 2006**



Neste período, passará um período de reavaliações, e de retomada de situações pendentes, para serem refletidas. Estímulo à viagem interior de autoconhecimento, e à avaliação dos seus relacionamentos. Tendência à dificuldade em aceitar pontos de vista

diferentes dos seus. Mentalidade que se expande, novos conhecimentos e pessoas sendo importante referência para a sua vida.

VIRGEM **2108 a 2009**



Muitas vezes atribuímos às pessoas ou às circunstâncias o poder de nos oprimir ou libertar. Mas a libertação é um processo interior, um permitir-se ser quem se é, e viver segundo a sua verdade. Neste primeiro semestre este sentimento de liber-

dade, de aventura, e a necessidade de retomar aqueles velhos sonhos que foram esquecidos ao longo do caminho. Momento muito importante de autoconhecimento e reflexão.



LIBRA
2109 a 2010

Em cada pessoa que cruza o seu caminho há a oportunidade de aprender e de compartilhar. A vida irá proporcionar-lhe essa abertura de horizontes, para que você

inclua novos conhecimentos, cultura e relacionamentos. Possibilidade de viagens que tem o propósito de autoconhecimento, mesmo que pareçam simplesmente turismo ou diversão, e em que você se propõe a melhorar como ser humano.



CAPRICÓRNIO
2112 a 2001

O início deste ano trará uma avaliação sobre as conquistas e também erros. Questionará a sobre a filosofia de vida que tem pautado o seu caminho. Uma

fase introspectiva, que é preciso ser respeitada, para tirar melhor proveito deste período. É o fim de um ciclo e o início de outro, onde será revelado o resultado da sua colheita, quer ela seja positiva ou negativa.



ESCORPIÃO
2110 a 2011

Fase que evidencia os seus talentos, dons, as dádivas com as quais o Universo o agraciou, e que você deve honrar manifestando. Reflita sobre finanças e valores

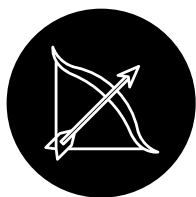
importantes na sua vida, dando ênfase a bens, recursos e potencialidades. Oportunidade de ampliar conhecimentos, viajar, entrar em contacto com pessoas e situações que ampliam os seus horizontes, e darão-lhe nova perspectiva sobre as coisas.



AQUÁRIO
2101 a 2002

A energia da fraternidade e da amizade, dar-lhe-á a oportunidade de se sintetizar com os amigos, e de difundir a visão de outro mundo, mais solidário.

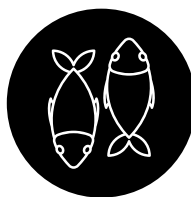
Este outro mundo só se constrói a partir de pequenas atitudes individuais, que somadas conduzem à transformação coletiva. Momento em que a liberdade, o conhecimento, os sonhos e ideais são muito importantes, afinados com uma energia despojada, em busca de novos caminhos para trilhar.



SAGITÁRIO
2111 a 2012

Neste período serão evidenciadas as características dos nativos de Sagitário, tais como: o senso de liberdade, de aventura, a importância do conhecimento, de via-

gens, de contacto com outras línguas e culturas. Momentos para reflexões sobre os seus ideais, valores e crenças, e sobre o significado de expansão. Acredite mais na sua intuição, pois, poderá dar início de um novo ciclo na sua vida. .



PEIXES
2101 a 2002

Momento de auge em certo ponto da sua vida, que poderão ser refletidos nos estudos, viagens, trabalho e desenvolvimento pessoal. Fase de expansão, mas tam-

bém de muitas reflexões, não se esqueça que só vai até onde a sua visão alcança, logo é importante é questionar sobre os sonhos que a sua alma acalenta. Evolução, permita-se ousar noutros horizontes de vida, com os quais sonha há muito tempo.





PAI WALTER

Fui iniciado a 28 de Janeiro de 1985. Gilberto da Silva França filho de Oxalufá, filho de Odessi de cabo sul, filho de Yá Nitinha de Oxum do engenho velho casa branca na Baía Salvador. Concluí a minha obrigação dos 7 anos, com o meu pai de santo. Naquela época não existia tanta informação sobre o Candomblé e os Orixás e poucas casas de Candomblé respeitadas no Rio de Janeiro. Portanto tudo o que aprendi sobre a minha religião foi na casa de santo, chamada na época como roça (casa de orixá). Desde o princípio da minha iniciação foi-me revelado que teria caminho para ser sacerdote, o que não estava nos meus planos, tentei então fugir muitas vezes desse caminho. No entanto, ninguém foge ao destino que os orixás têm preparado para nós. Hoje em dia, surpreende-me a quantidade de pessoas que desejam ser sacerdotes (Babalorixá). Ora caros irmãos o verdadeiro caminho de um sacerdote não é um caminho de rosas, pois numa mão carregamos o dom e na outra o 'chicote' para nos por à prova ao longo da vida, pois somos humanos e qualquer ser humano erra.

Também fui iniciado em Ifá, a 22 de Novembro de 2011, na Nigéria. Faço parte da família de Ibadan,

recebendo o nome de Ifá Moride (escolhido por Ifá). Após estes anos todos como Babalaô (sacerdote exclusivo de Orunmilá-Ifá), nunca dei início à primeira mão de Ifá a ninguém pois não tinha recebido o conhecimento nem a permissão do meu Babalaô Ifanwagun (aquele que Ifá mudou o comportamento). Atualmente já recebi dele o conhecimento necessário para fazer a iniciação da primeira mão de Ifá e não só, pois fui preparado com uma iniciação, com um asé (axé em português), para poder verdadeiramente iniciar a primeira mão a pessoas pelo caminho de Ifá.

Em toda minha vida aprendi muito com os orixás, e neste momento sei acima de tudo que este é o meu caminho e que a minha fé, essa sim nunca irei perder. A minha missão neste vida é servir aos orixás e ajudar quem precisa de mim, através de todo o conhecimento que me foi transmitido ao longo da vida. Esta fase, eu marco como um renascimento da minha pessoa, como uma fénix que renasce das cinzas. Na minha vida, só devo alguma coisa, unicamente a Deus (Olodumare) e aos Orixás. Fico por aqui meus caros irmãos, muito asé para vocês e eu estou aqui para ajudar quem me procura por bem.

CONTACTOS

Tm. 916 733 649 | e-mail: onilo8@hotmail.com | <https://www.facebook.com/paiwalter/>

CONSULTAS NO BARREIRO E TODO O PAÍS



ODÙ ENJE

O dia 12-05-2018 foi marcado por muita alegria e Asê uma vez que foi entregue no Ilê Asê Opô Alaketu Omin Ogún, terreiro de Candomblé Nação Ketú, o Oyê de Bábálórísá ao Omo Orisá Pedro d'Ossòósí. Na qualidade de Agabá do Ilê, e também como Bábálórísá de Pai Pedro, quero agradecer a toda a nossa família do Ilê Asê Omin Ogún assim como a todos os convidados pela presença, pela onda de alegria contagiante

e por toda a boa energia que se fez sentir nesta entrega de Oyê (o terceiro da Casa) ao segundo Bábálórísá Omo Ilê Asê Omin Ogún. Desejo que grande Pai Ossòósí, Orisá de enormes virtudes, traga ao seu filho, novo Bábálórísá do Candomblé Nação Ketú, raiz Alaketu / Ilê Asê Opô Ajagunan, assim como a cada um de nós, uma vida plena de Asê nesta sua nova caminhada! Olorun Modupé | Babalorisa Jomar d'Ogún





Odù Enje



1 **POLUIÇÃO DO AR**

É PERIGO FATAL PARA AS CRIANÇAS, AVISA UNICEF



300 milhões de crianças em todo o mundo são afectadas. O ar é seis vezes mais poluído que o estipulado nas directrizes internacionais.

Cerca de 300 milhões de crianças em todo o mundo respiram um ar tão poluído que podem sofrer danos físicos, incluindo no cérebro em desenvolvimento, alerta um estudo da Unicef hoje divulgado. Quase uma em cada sete crianças em todo o mundo respira um ar que é pelo menos seis vezes mais poluído do que as directrizes internacionais, revela o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), que considera mesmo a poluição atmosférica como um dos principais factores da mortalidade infantil.

A Unicef publicou o novo estudo uma semana antes do início da conferência da ONU sobre o clima, a COP22, em Marraquexe, Marrocos, de 7 a 18 de Novembro, que pretende aproveitar para renovar o apelo aos líderes mundiais para que ajam imediatamente para reduzir a poluição atmosférica.

A poluição do ar contribui, de forma significativa, para a mortalidade de cerca de 600 mil crianças com idade inferior a cinco anos anualmente e ameaça a vida e o futuro de milhões de outras", adverte o director-geral da Unicef, Anthony Lake.

"As substâncias poluentes não só danificam os pulmões das crianças como podem também atravessar a barreira de protecção do cérebro e danificar irreversivelmente o seu desenvolvimento cerebral, comprometendo o seu futuro", indica, antes de sublinhar que "nenhuma sociedade pode dar-se ao luxo de ignorar a poluição".

Com base em imagens de satélite, o estudo mostra que cerca de 2.000 milhões de crianças vivem em países onde a poluição atmosférica resultante das emissões dos tubos de escape dos automóveis, da utilização de combustíveis fósseis ou da incineração de resíduos ultrapassa os níveis mínimos de qualidade do ar estabelecidos pela Organização Mundial de Saúde.

Poluição do ar é perigo fatal para as crianças

O sul da Ásia agrupa o maior número de crianças que respiram ar muito poluído (620 milhões), seguido por África (520 milhões) e leste da Ásia e Pacífico (450 milhões), de acordo com o relatório. O estudo também se debruça sobre a poluição do ar em espaços interiores causada pela queima de carvão e madeira para cozinhar ou para aquecimento.

Juntas, a poluição exterior e interior, estão directamente ligadas a pneumonia e outras doenças respiratórias responsáveis pela morte de quase uma em cada dez crianças com menos de cinco anos de idade, o que faz da poluição atmosférica um perigo para a saúde das crianças, sustenta a Unicef no mesmo documento.

A agência da ONU nota que as crianças são mais susceptíveis do que os adultos à poluição porque os seus pulmões, cérebro e sistema imunitário ainda estão em desenvolvimento e as suas vias respiratórias são mais permeáveis.

As crianças que vivem na pobreza, que normalmente têm pouco acesso a cuidados de saúde, são as mais vulneráveis às doenças causadas pela poluição do ar.

Fonte: Agência Lusa



Babalórisá

Pai de Santo de Candomblé Ketú

Pedro d'Oxossi

**Desenvolvimento, Tratamento e Auxílio
Espiritual
Para Todos os Fins**

Consultas de Buzios
**Atendimento com toda a seriedade,
honestidade e sigilo.**

**Marcações:
925 023 850**



Uma rubrica de:
Pai José Antônio de Almeida
Baba Lokanfu

A COZINHA NO CANDOMBLÉ

Um dos maiores fundamentos do candomblé está na COZINHA! A comida e o comer ocupam um lugar fundamental na vida dos terreiros de Candomblé, é entendida como força vital, princípio criativo, doador e receptor de energia, que fortifica os Deuses, ancestrais, sendo um meio, um veículo através do qual, grupos humanos e civilizações se sustentaram durante milênios fazendo contrato com o Sagrado.

No terreiro, a chamada comida de Orixá obedece a prescrições complexas construídas ao longo do tempo e redefinidas a cada momento, de acordo com a função que deva desempenhar ou à “realidade” que deseje instaurar ou dialogar. Tudo isso é expresso nas múltiplas formas, maneiras e diferentes modos de preparar, fazer ou de “tratar” os ingredientes.

Comida é sacrifício e todo sacrifício é um ebô no seu sentido mais amplo, mola propulsora que conduz e leva o Axé. O sacrifício é assim, indispensável para viver, pois nada se sustenta sem esta troca de força, de energia, sem essa reposição, num universo onde tudo é dinâmico e nada acontece por acaso. Onde até uma folha que se desprende da árvore tem um por que preciso. Através da comida oferecida aos Orixás, se estabelecem relações entre o devoto, a comunidade e o Orixá. É sobretudo nas festas que isso mais se expressa. Festas que se desenrolam ocultamente aos olhos dos de fora, que podem levar meses e festas que são feitas para os de fora, realizadas no barracão, tornadas públicas, onde, em algumas delas, são exibidas a maior quantidade possível de comidas servidas aos Orixás da casa, e eles próprios servem a sua comida, distribuindo, assim, aos presentes a sua força máxima. A comida de Orixá difere, assim, das comidas servidas no dia a dia do terreiro, bem como daquelas passadas

no corpo das pessoas, usadas para “descarregar”, limpar, livrar de algum contra-axé. Em linhas gerais, comida é tudo que se come. Desde à pimenta e o obi, que se masca para conversar com o Orixá. “CANDOMBLÉ MESMO É COZINHA... Dentro do universo do Candomblé, a cozinha merece uma atenção especial, por ser um dos espaços onde se passa e se constitui o sagrado. Tudo nela remete a esta dimensão. Assim, “A cozinha de santo” aparece sempre como algo distinto, separado da cozinha do dia a dia. Separada na sua grande maioria, não por limites externos, mas internos que são representados por mudanças de atitude, ações, formas de uso, etc. Em muitos terreiros de Candomblé, o local onde são preparadas as comidas dos Orixás é o mesmo onde são feitas as comidas do dia a dia. Esta separação, todavia é realizada de forma bastante visível e determinada. Muitas vezes se reserva para as comidas de santo um fogão especial que pode ser de lenha ou industrial, enquanto a outra permanece num fogão menor. É muito difícil se mexer com as panelas dos Orixás ao lado de outras panelas, bem como misturar os utensílios destas duas cozinhas.





CONFIRMAÇÃO DE OGÃS

No passado dia 01 de Setembro, viveu-se mais um momento carregado de emoção e alegria no Ilé Asê Omin Ògún, com o siré de confirmação do Ogan Otún Alabé de Ògún - João Pedro d'Osòóssí e do Ogan Alabé d'Yemonjá - André d'Osaguián.

Toda a comunidade sentiu a forte energia e Asê que apenas os Orisás podem proporcionar, neste momento muito especial para todos.

Como Babalorisá dos Ogans confirmados, quero agradecer ao Otun Orisá e Babakekere do terreiro, Babalorisá Paulo d'Yemonjá, bem como a todos os Omo Orisá da casa pelo seu amor e dedicação ao Orisá e aos irmãos agora confirmados.

Que Osòóssí e Osaguián possam abençoar os seus filhos nesta nova caminhada da sua vida. Babalorisa Jomar d'Ògún



Confirmação de Ogãs



Confirmação de Ogãs





CANDOMBLÉ DE CABOCLO

O que neste texto é explanado é um ponto de vista do culto aos Caboclos numa abordagem de um Terreiro de Camdomblé de Caboclo; por isso é recomenda-se que ao lê-lo não se faça comparações com base no Candomblé de Nação e tampouco na Umbanda.

Ao nos posicionarmos com uma mente aberta, podemos apreciar a beleza da multiplicidade Divina ao manifestar-se segundo o entendimento de cada agrupamento das suas criaturas.

O texto foi baseado nas palavras de um homem formidável, pela simplicidade e a disposição em esclarecer, sem se preocupar com o tempo empregado para isso. Com trejeitos e sorriso que nos lembram um Preto Velho, ele trabalha com amor e caridade, sem nada cobrar. Sacerdote de Candomblé de Caboclo que pediu para ser identificado apenas como Pai Zé, embora o Candom-

blé de Caboclo não necessite de zelador.

No Candomblé de Caboclo, Orixás e Caboclos são tratados como Entidades de naturezas diferentes de como são vistos no Candomblé Tradicional (Culto de Nação), assim como na Umbanda. Convém esclarecer que não trabalham conjuntamente com Pretos Velhos e demais Guias de Umbanda.

Além das distinções formais quanto à nomenclatura e quanto ao seu significado, há aspectos que os distinguem e que são importantes na relação que se estabelece entre cada um deles e os seus devotos.

Nos cultos de Nação todo filho-de-santo, em princípio, deve ser iniciado para um determinado Orixá (Inquice, Loa, ou Vodum), que é considerado o seu Antepassado, o seu Pai ou Mãe, a sua Fonte de vida. A iniciação implica recolhimento e

Candomblé de Caboclo

ritos complexos que envolvem toda a hierarquia de um terreiro.

O culto dos Caboclos não requer processo iniciático deste tipo, podendo ocorrer em algumas casas o "Batismo do Caboclo", um ritual de confirmação, infinitamente mais simples que a "feitura".

Os Orixás africanos descem nos terreiros de Nação para dançar e trazer o Axé aos seus filhos, Terreiro e comunidade. E, Eles falam, ainda que apenas com algumas pessoas com cargos sacerdotais.

Já os Caboclos dirigem-se directamente a todos que os procuram nos toques ou nas festas. Conversar é a sua característica marcante. Todo caboclo é falante. Pode ser simpático ou carrancudo, amigável ou mais áspero, irreverente ou reservado, mas é sempre falador. Para se conhecer a vontade dos Orixás é preciso recorrer ao jogo de búzios, que somente a Mãe ou Pai-de-Santo com permissão, ou "Mão de Jogo" pode jogar. Mesmo com respostas positivas, parecem um tanto distantes de nossa realidade.

Os caboclos dizem o que sentem sem nenhu-

ma mediação. A relação com o consulente é direta, face a face. Eles ainda ajudam no esclarecimento sobre a vontade dos Orixás.

A linguagem é outro fator importante nesta distinção, pois grande parte das pessoas que vão aos terreiros de Nação não compreende a linguagem ritualística que são derivadas do iorubá, fô ou kicongo e kimbundo, etc., empregue nos seus cantos e rezas.

Aos caboclos, pelo contrário, canta-se em português. Suas cantigas são simples e sugestivas, com expressões e termos conhecidos do catolicismo tradicional e do imaginário popular.

E mesmo que um Caboclo se apresente com uma linguagem que denota a sua origem tribal, é mais fácil um entendimento porque há os outros Caboclos que falam em português e fazem a tradução, normalmente o Caboclo Chefe da Casa. Um culto assim é menos afro e mais brasileiro.

Nestes Terreiros, os Caboclos são concebidos como "Mensageiros" dos Orixás. Eles são transmissores das Vontades Divinas, afinal "eles transmitem o que os Orixás desejam que nós saibamos".





ODÙ ENJE

No passado dia 16-06-2018, teve lugar no Ilé Asè Opô Alaketu Omin Ogún terreiro de Candomblé Nação Ketú, a entrega de Oyé de Bábálórísá ao Omo Orisá Miguel d'Ogún. Foi um dia marcado por grande alegria, energia positiva e muito Asé. Na qualidade de Agabá do Ilé, e também como Bábálórísá de Pai Miguel, quero agradecer a toda a nossa família do Ilé Asè Omin Ogún assim como a todos os convidados pela presença, pela onda de alegria contagiante

e por toda a boa energia que se fez sentir nesta entrega de Oyé (o quarto da Casa) ao terceiro Bábálórísá Omo Ilé Asè Omin Ogún. Desejo que grande Pai Ogún, Orisá de enorme bravura, traga ao seu filho, novo Bábálórísá do Candomblé Nação Ketú, raiz Alaketu / Ilé Asè Opô Ajagunan, assim como a cada um de nós, uma vida plena de Asé nesta sua nova caminhada!

Olorun Modupé
Babalorisa Jomar d'Ogún









O SIMPATIAS PARA O ANO NOVO

Atrair ou manter um amor

Quem é casada e quer manter o relacionamento deve acender duas velas amarelas. Peça a Oxum - a deusa do amor, da fertilidade, da pureza e do ouro - estabilidade no relacionamento. Se for solteira, acenda uma, e peça para que apareça alguém especial na sua vida. Depois de acesa, derrame mel em volta da vela, coloque quatro búzios, quatro moedas de mesmo valor e oito ou dezesseis rosas amarelas. Para resultar é necessário ficar na praia até a vela terminar de queimar.

Para o amor voltar

Escolha oito pedaços de fitas coloridas com 1 metro (todas devem ter cores diferentes, menos preto e vermelho). Olhe na direção do mar e coloque quatro fitas em cada ombro. Com os pés na água, despetale três rosas amarelas. Jogue as pétalas por cima da sua cabeça e deixe que elas caiam no mar. Solte então uma fita de cada vez na água e peça que Oxum traga de volta quem você ama.

Para ter sorte no amor

Pegue cinco ou oito rosas brancas (números de lemanjá e Oxum), perfume de alfazema, fitas com as cores da harmonia (azul, amarelo, rosa, branco e verde), espelho, talco, sabonete e bijuterias. Forre uma cesta com celofane, amarre uma fita no cabo de uma flor e jogue um pouco de talco e de perfume por cima. Depois, coloque o espelho, o sabonete e as bijuterias na cesta e leve para o mar. Conte três ondas e, na quarta, ofereça a cesta à lemanjá e a Oxum.

Para ter felicidade

Comece a usar, a partir do dia 28 de dezembro, um par de meias brancas novas. No quarto dia, coloque a meia do pé direito no sol. Depois atire-a longe - cuidado para ela não cair em nenhum lugar húmido. À meia-noite do dia 31 coloque a meia do pé esquerdo ao luar e depois jogue longe dizendo: "Minhas meias foram longe. Não têm teia, nem idade. Se elas se foram, porque se foram, virá a felicidade. Assim seja".

Para afastar maus fluidos

Na beira do mar, com a água na altura da canela, derrame pipoca ao longo de seu corpo, da cabeça aos pés. Deixe que o mar leve a pipoca, que é um elemento do orixá Omolu, senhor da vida, da cura e da saúde.

Para ter dinheiro o ano inteiro

Leve para a praia sete rosas brancas, sete moedas do mesmo valor, perfume de alfazema e champanhe. Reze para Iemanjá e para os Orixás que têm força no mar. Conte sete ondas e coloque as flores no mar. Em seguida, coloque o conteúdo do champanhe e ofereça aos orixás. Lave as moedas com o perfume e coloque-as na mão direita. Mergulhe a mão na água e peça proteção financeira. Deixe o mar levar seis moedas e fique com uma, que deve ser guardada como amuleto durante o ano.

Crendices e superstições de Ano Novo

Acredita-se que comer lentilha traz sorte, pois, como é um alimento que cresce, faz a pessoa crescer também;

Uma das simpatias mais comuns feitas no Ano Novo para atrair dinheiro é a da romã. Chupe sete sementes na noite de Réveillon, embrulhe todas num papel e guarde o pacotinho na carteira para ter dinheiro o ano inteiro;

O consumo de aves, como o peru e o frango, e o de caranguejo não é indicado na ceia de Ano Novo. Como esses animais piscam ou andam para trás, acredita-se que quem comê-los regresse na vida;

Guarde uma folha de louro na carteira durante o ano inteiro para ter sorte;

Coma três uvas à meia-noite, fazendo um pedido para cada uma delas;

Jogue moedas da rua para dentro de casa para atrair riqueza;

Dê três pulinhos com uma taça de champanhe na mão, sem derramar nenhuma gota, e jogue todo o champanhe para trás para deixar tudo o que for ruim no passado;

Passe as 12 badaladas em cima de uma cadeira ou banquinho e depois desça com o pé direito;

Salte num pé só (o direito), à meia-noite, para atrair coisas boas;

Não passe a virada do ano de bolsos vazios para não continuar o ano inteiro com eles vazios;

Coloque uma nota no sapato para chamar dinheiro;

No dia 31, faça uma boa limpeza na casa, varrendo-a de trás para frente. Coloque para fora todo lixo, objetos partidos e lâmpadas queima-

das. Não guarde as roupas do avesso;

Para evitar energias más, muitas pessoas lavam os batentes das portas com sal grosso, água e borrifam água benta nos quatro cantos da casa;

Na primeira noite do ano, use lençóis limpos;

À meia-noite, para ter sorte no amor, cumprimente em primeiro lugar uma pessoa do sexo oposto;

Quem pretende viajar bastante no ano que se aproxima, deve agarrar uma mala vazia e dar uma volta dentro de casa;

Abra as portas e janelas da casa e deixe as luzes acesas;

O primeiro negócio do ano nunca deve ser fiado nem com pessoa pobre.





O Significado da Palavra

ASÊ



**Para o yorùbá, o verbo
mais importante é realizar.**

Um homem vem ao Aiyé, o Planeta Terra, para realizar, para fazer algo, para deixar a sua marca e a sua lembrança.

É assim que ele será recordado pela sua descendência, através das suas realizações.

Nada é feito sem o apoio dos Òrìsàs, porque é através da força que flui deles para nós que esta realização ocorre.

ASE significa isso: Awa - nós / se - realizar. ASE, nós realizamos, com a ajuda, a força e o poder de nossa crença nos Òrìsàs e nos nossos Ancestrais. Hoje esta nossa palavra de significado mágico banalizou-se, tornou-se ritmo musical, de bom ritmo e de forte apelo sexual. Para muitos, Asé é dançar com pouca roupa, "colocando a mão aqui e passando a mão ali, sentando na garrafa e mexendo o que não deve".

E uma palavra sagrada tão importante quanto AMEM, MAKTUB, ASSIM SEJA, ALELUIA e tantas outras, em tantas línguas, está desvirtuada, destituída de seu significado religioso, servindo de apelo comercial e chamariz sexual.

É função de todos os Sacerdotes afro descendentes, bem como todo o povo de santo esclarecer ativamente, defendendo, e reapossando-se do nosso Asé!

Que volte a encerrar as nossas bênçãos, as nossas preces, que aquele que ouvir a palavra Asé se sinta abençoado e pleno de graça.

Que um homem de Asé seja um Sacerdote e não um símbolo sexual.

Que uma viagem de Asé seja uma visita à Terra Mãe África e não alguns dias de Carnaval.

Que todo o Homem, independente de sua opção religiosa, tenha muito ASE!

E, para encerrar, ASEASEASE

VELAS & CORES

A partir do momento em que, além de trabalharmos com o elemento fogo (a chama da vela), estamos também trabalhando com a magia da cor. As cores, dentro de uma escala cromática, possuem propriedades mágicas e curativas.

No entanto, de nada adiantará evocar qualquer forma de magia sem antes avaliar friamente todas as possíveis consequências de seus resultados, ou sem a certeza de sua real necessidade.

Executar um processo mágico apenas por curiosidade é desperdício de tempo e energia.

A vontade sincera de realizar o ritual é também de grande importância.

De que adianta fazer magia sem ter vontade de buscar os meios adequados, de esperar o momento certo, e de procurar o lugar correto?

O verdadeiro aprendiz não conhece dificuldades como distância e obstáculos naturais.

E é preciso paciência: sempre é necessário lembrar que tudo acontece no seu devido tempo, embora possamos dar algum empurrãozinho.

Por último, o silêncio.

Não existe magia divulgada que costume dar certo. Os pensamentos que outras pessoas emitem sobre o assunto podem causar nulidade à sua magia. Todos conhecemos a força do pensamento e as vibrações que ele pode emitir. Portanto, cuidado: magia é poder, intenção e silêncio.

As cores emitem vibrações assim como o som.

E podem ser associadas aos aromas a fim de somar seus efeitos.

Além de acender um incenso ao lado da vela ou usar a essência nas mãos, podemos ungir a vela com a essência ou trabalhar com vela perfumada.

As cores do arco-íris visíveis a olho nu são: vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul claro, anil ou índigo e violeta.

Vermelho

Relacionado ao planeta Marte e à nossa energia vital. É a cor do Chakra Básico. Na fogueira dos acampamentos ciganos sua função é gerar paz e proteção ao grupo. Sua vigorosa luz protege a todos do perigo dos ataques dos animais. Simboliza o amor vigoroso, que não existe sem o toque físico ou o sexo. O vermelho é a vida que os cardeais católicos buscam transmitir em suas vestes, como prova do amor de Deus, e como homenagem aos mártires do plano divino.

Vibrações positivas: energia vital, força, vigor, sexualidade, paixão, exuberância, vitória e estímulo.

Alaranjado

Relacionado ao Chakra Esplênico, que se localiza logo abaixo do umbigo. É a cor da sensibilidade, das emoções e da necessidade de servir com sucesso. É também a cor da realeza e da notoriedade. Alguns monges tibetanos usam o laranja para identificar sua predisposição para o serviço da Grande Obra.

Vibrações positivas: nobreza, energia física, glorificação, força realizadora.

Amarelo

Representa Mercúrio, deus e planeta que possui uma versatilidade e rapidez de raciocínio bem maior que a dos demais. É a cor da mentalidade, alegria, animação, da juventude e do intelecto.

Vibrações positivas: alegria, coragem, comunicabilidade, riqueza material, fartura, clareza mental, criatividade, inteligência, lucros financeiros e reconhecimento público.

Verde

A luz do verde enche a natureza de vida após o rigor do inverno.



Está relacionada a toda forma de cura, é repousante, e por isso bastante indicada para os quartos e roupas de cama.

Proporciona a sensação de paz, oferecendo proteção ao ambiente contra as formas de pensamento desarmonicas.

Para o cigano o verde claro simboliza estabilidade, solidez e responsabilidade, além de tudo o que tem profunda relação com o plano material e suas formas de manifestação.

Está relacionado ao Chakra Cardíaco, onde as emoções são trabalhadas. É o equilíbrio do espectro solar. Vibrações positivas: tranquilidade, repouso, recuperação, vitalidade, fertilidade, prosperidade, esperança, equilíbrio e vida.

Azul claro

Relacionado ao Chakra Laríngeo, responsável pela comunicação e liberação das emoções. Representa as vibrações de tranquilidade e serenidade. Dizer que está "tudo azul" é o mesmo que afirmar que está tudo correto, em paz.

Os ciganos simbolizam a imortalidade da alma através do azul.

Vibrações positivas: serenidade, devoção, sinceridade, bondade, tranquilidade, caridade, força e poder.

Índigo

Relacionado a Júpiter, é a cor da expansão e intuição. É a cor do Chakra Frontal, responsável pela compreensão e clarividência. Está tão ligado à idéia de nobreza que os nobres se distinguem dos demais se dizendo possuir sangue azul.

Vibrações positivas: clarividência, intuição, devoção, compreensão.

Violeta

Relacionado ao planeta Netuno é a cor da espiritualidade e da transmutação. Como agente tranquilizante, beneficia o sono e é bem-vinda aos quartos dos bebês, em pequenos detalhes da pintura das paredes. Dormir com uma ametista próximo à cabeceira ou embaixo do travesseiro, além de propiciar um sono tranquilo, ajuda a lembrar dos sonhos. O violeta mistura-se ao branco para resultar no lilás ou lavanda. Traduz delicadeza e jovialidade, é calmante e uma cor indicada para ser utilizada em templos e escolas iniciáticas.

Leonardo da Vinci dizia que o poder da meditação é dez vezes maior sob a luz violeta.

O Conde de Saint Germain, Mestre do Sétimo Raio Cósmico, usava esta cor para beneficiar doentes e devolver-lhes a saúde.

Vibrações positivas: acalma, favorece a meditação e o relaxamento físico, acaba com a depressão e a insônia. Realiza as transformações necessárias ao equilíbrio do ser humano.

Cores secundárias e terciárias



Velas e Cores

Além das cores do espectro solar, algumas cores secundárias e terciárias também são utilizadas em rituais.

Púrpura

Cor da nobreza, que proporciona uma aura de prestígio social e inteligência. Está relacionada ao planeta Júpiter em seu aspecto mais positivo. Rege assuntos ligados à filosofia e à religião, e transmite dignidade, sabedoria, espiritualidade e ideais elevados. Favorece a imaginação e a meditação. Vibrações positivas: elevação, sucesso, prestígio social, realização dos desejos mais profundos e elevados.

Marrom

Traduz a energia mais positiva de Saturno. Por isso, está ligada ao trabalho, à terra, estruturação, disciplina, praticidade e responsabilidade. Os ciganos relacionam-na ao outono, quando a última folha que cai de uma árvore anuncia a energia do inverno que chega. É neutra e fria ao mesmo tempo, por isso todos os assuntos a que diz respeito se resolvem lentamente. Vibrações positivas: segurança, lucros com o trabalho, propriedades, terra, solidez, praticidade, raciocínio baseado na lógica e não na emoção.

Dourada

A luz da vela dourada reproduz a intensidade do brilho solar sobre os metais. É a mais pura tradução de força e vitalidade depois do vermelho. Os rituais em que se usa a luz do Dourado visam harmonizar as relações dos seres humanos com os seres ascensionados, anjos e espíritos elevados que estão diretamente ligados a Deus na grande missão de encaminhamento da humanidade. As alianças que selam as uniões matrimoniais devem ser de ouro amarelo, e não branco. O dourado das jóias reforça a vitalidade e ajudam a purificar o sangue. O anel de ouro usado no dedo anelar acende a linha do sol, que brota deste dedo, aumentando as chances de sucesso profissional da-

queles que o usam.

Vibrações positivas: vitalidade, harmonia, coroamento de boas intenções com a ajuda dos seres iluminados.

Prateada

A luz da vela prateada favorece nos rituais em que se busca a proteção de espíritos e seres iluminados contra as correntes energéticas de má vibração.

Vibrações positivas: proteção e segurança.

Branca

Reflete a vibração feminina da Lua, favorecendo a todos os assuntos que tenham ligação com o poder emocional e mental do ser humano. É usada para questões familiares. Está relacionada à inocência e à pureza em todos os sentidos. Vibrações positivas: pureza de espírito e de pensamento, inocência, sinceridade, paz, modéstia, bondade, simplicidade, questões familiares.

Preto

É a ausência de cores. Simboliza a noite e as trevas, sendo por isso, a cor que antagoniza a luz branca do dia. Na Alquimia, o negro simboliza tanto a morte como a terra onde somos sepultados, significando putrefação e morte. O negro também significa a vida nova que a Terra guarda em seu interior e sua escuridão. Neste sentido, representa silêncio, proteção e o inevitável estágio de crescimento a que estão impostos os seres vivos. Por isso, Sara, que é a própria representação da Terra, é negra.

Ao trabalhar com a luz negra você estará lidando com uma energia que nega a essência energética do branco e, neste aspecto, poderá ser maléfica e limitadora. Uma vela negra representará sempre a perversão dos sentimentos e dos pensamentos, das atitudes e os desejos mais mesquinhos.

Vibrações positivas: no vestuário, confere proteção e isolamento, impedindo a troca de energias.



Texto Original em Português do Brasil

ASSINE JÁ!

The collage displays a variety of magazine covers from the 'Povo de Santo e Asê' series. The covers feature diverse imagery, including religious figures, cultural events, and natural scenes. Some covers are labeled with months like 'Março', 'Junho', 'Setembro', 'Dezembro', and 'Maio'. Others are special issues, such as 'Anualidades' (Anniversaries) and 'Orisãs Regentes 2018' (Orishas Regents 2018). Each cover includes a small globe icon with a map of the Americas.

SAIBA COMO NO INTERIOR!

LENDAS CULTOS

ORISÃS REGENTES 2018
O POR PAI PARA O DIOCELA



ENCONTRE AQUILO QUE PRECISA!

CASA DE OGUN - Hipermercado Nº1 em comércio de produtos de Candomblé, Umbanda, Esotericos e Espiritualidade, abriu no Laranjeiro-Almada, para Portugal e toda a Europa!!! Na **CASA DE OGUN**, encontra todos os artigos de fundamento e de Axé, que precisa! Para além de outras e muitas coisas, temos: roupas de santo e para Orixá por medida, Ferramentas de Orixá, búzios, sementes, favas, waji, ori, ékódidès, penas africanas, fios de contas para os seus Orixás, kélés, pembas, bradjás, missangas, firmas, ótás, ibás para assentamento, banhos de ervas vários, etc...

ACONSELHAMENTOS e **SIMPATIA** de pessoas experientes!

PREÇOS IMBATÍVEIS! (PREÇOS ESPECIAIS PARA TERREIROS)!

CASA DE OGUN - O ponto de encontro dos Pais e Mães de Santo, Profissionais Esotéricos e Público em geral!

CASA DE OGUN - Está registada na FENACAB (MAT:001) CASA RECOMENDADA

Horário: Segunda a Sábado das 10:00h às 19:00h (Abertos à hora de Almoço) e aos Sábados, estamos abertos até às 17:00!

casa de 
OGUN

COMÉRCIO DE PRODUTOS DE
CANDOMBLÉ, UMBANDA, ESPIRITUALIDADE E ESOTÉRICOS

Alameda Guerra Junqueiro, 34 - Laranjeiro
2810-072 Almada (Perto do Millenium, BANIF e estação de metro S. Gedeão)

Tel: 21 259 54 08 | TM: 96 634 00 55

E-mail: casadeogun@gmail.com

casadeogun_lojaonline@hotmail.com

<http://www.casadeogunlojaonline.com>